

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	4120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 564

21 DE AGOSTO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração  
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Ao setimo dia Deus descansou e fez o domingo.

Eu, n'este ponto, ha já um bom par d'annos, que sigo á risca o exemplo do Padre Eterno e ao domingo não faço nada.

Não faço nada nem mesmo divertir-me, na accepção extravagante e habitual que a este verbo dá a maioria da gente, que, a pretexto de descansar ao domingo, se cansa mais que no trabalho de toda a semana, n'essa roda viva de diversões domingueiras—touradas, feiras, arraiaves, passeios ao campo—festas que arrasam physicamente e pecuniariamente os bons lisboetas e os deixam a pedir pão e laranja e a deitar os bofes pela bocca lóra.

O domingo para mim é o dia de descanso por excellencia; se trabalho alguma coisa é só quando de todo não pode deixar de ser; enxoto todas as massadas que n'esse dia se aproximam de mim, com o cuidado meticoloso com que nas noites de verão se enxotam mosquitos do quarto da cama; não saio de casa para evitar os cotovellões dos que andam a divertir-se, não recebo senão amigos intimos cuja companhia me dá prazer e á noite só se não tenho parceiros é que não faço a minha partidinha de *solo*—palavra d'honra que é jogo de vasa, meu caro amigo chefe Ferreira—um jogo que os jogadores encartados olham com certo desdem por ser pouco complicado, mas que eu prefiro a todos, porque não me obriga a pesadas locubrações e me permite jogar e cavaquear ao mesmo tempo, o que eu acho o ideal do jogo.

E quando digo que é jogo de vasa, amigo Ferreira, abordo uma questão intrincada e difficil que faz hoje suar o topete á policia de Lisboa, porque apesar de ser de vasa nem por isso deixa de ser um bocadinho de azar, como são todos os jogos, e ainda mais, como são todas as coisas d'este mundo.

O azar é, de todos os tempos, o senhor absoluto dos destinos da humanidade; remar contra elle é remar contra a maré e por isso não dou nada pelo bom exito da guerra que se lhe está agora promovendo na travessa da Parreirinha.

Na mesa do jogo, do mesmo modo que no grande taboleiro da vida, quando se joga uma carta nunca se pôde pôr de parte o azar: é elle sempre quem decide do resultado da cartada, quer o sr. juiz Veiga queira quer não queira. Pode se ter a mão cheia de trunfos, se o azar não está pelos auctos a partida vae-se embora, e o cabo Sacarrão fica a apitar.

Definir os limites dos dominios do azar no jogo é muito mais difficil que definir os limites dos nossos dominios na Africa, que ha tanto tempo se andam a definir e não estão definidos ainda.

Esta idéa de engaiolar o azar não é nova d'hoje: já vem lá de traz.

Ha muitos annos um mathematico pensou não em mettê-lo no Limoeiro, como quer agora a policia de Lisboa, mas em encarcerá-lo dentro de formulas algebricas a que nem os logarithmos eram estranhos, n'um volumoso compendio scientifico, que ensinava a maneira de ganhar sempre á roleta.

Eu manuseei muito esse livro e passei noites e noites a estudal o.

Nos meus tempos de rapaz joguei muito a roleta e penso que não ha ninguem que tenha jogado uma vez a roleta que não tenha pensado em achar a maneira de, por meio de variadas combinações, ganhar sempre a esse jogo.

Foi por esse tempo que veio parar-me ás mãos o tratado scientifico da roleta.

Estudei-o com muito mais enthusiasmo do que nunca tinha estudado a algebra de Besout.

Estudei-o e os calculos davam-me certos Aquillo era mathematico. Não podia haver duvida nenhuma.

Quando me julguei sufficientemente imbebedo nos calculos mathematicos passei do papel para o

tableau da roleta, e dos algarismos para os tostões.

No papel tudo me tinha sahido certo: no tableau fiquei a tinir.

Tentei cinco ou seis vezes a experiencia e sempre com o mesmo resultado; e deixei de tentá-la porque se me acabou a confiança e o dinheiro.

Com o azar não se brinca; elle é que brinca connosco e faz tanto caso dos calculos dos mathematicos como dos editaes dos commissarios de policia.

Mas como ia dizendo: para mim o domingo é o dia de descanso absoluto e levo esse descanso até

## QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



APROVEITANDO UMA ABERTA

— QUADRO DO SR. ARTHUR MAY, PREMIADO COM MENÇÃO HONROSA

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

ao ponto de nunca sahir de casa senão quando caso de força maior me obriga a sahir pela porta fóra.

Esse caso deu-se hontem, domingo, e fez-me sahir não só de casa, o que já é rarissimo, mas até da cidade, o que para mim representa um facto excepcional.

Um amigo meu dos mais queridos, um velho companheiro de trabalho a quem eu quero como a um irmão estremecido, Pinheiro Chagas tinha tido ha dois dias um recrudescimento na sua doença habitual, n'essa dyspepsia impertinente que ha dois annos o incommoda.

Não o fui ver logo porque elle está fóra de Lisboa e porque soube immediatamente por um dos seus filhos que o caso não tinha tido gravidade alguma e fóra simplesmente uma syncope provocada pelos seus padecimentos de estomago.

No dia immediato tive uma carta d'elle, em que me contava o que tinha tido com o bom humor alegre de quem se sente perfeitamente bom, uma carta denunciadora d'um espirito são e despreocupado.

Perfeitamente descansado a respeito da doença quiz contudo ir vel o e hontem, rompendo com os meus habitos domingueiros, fui até Linda a Pastosa abraçar o e trouxe de lá a alegria de o encontrar excellentemente disposto e de poder dar esta boa noticia a todos que se interessam por elle, que o estimam, que são todos que admiram os grandes talentos e presam os grandes caracteres.

E essa pequena viagem serviu-me tambem como chronista porque me deu a chronica d'hoje, dando-me o aspecto, para mim já quasi novo, do fóra da terra de Lisboa aos domingos.

E achei entre esse alegre aspecto e os pesados e lugubres artigos das folhas politicas sobre a nossa situação actual, um contraste frisantissimo e consolador.

Eu não sei quem falla verdade, mas o que sei é que é alegrissimo esse aspecto, e que, a julgar por elle, somos o povo mais feliz do mundo, e não só o mais feliz, um dos mais ricos, porque aos domingos o dinheiro gyra a rodo pela cidade e pelos seus arredores.

Na Cruz Quebrada havia tourada por curiosos e era enorme a quantidade de gente que ia para lá a pé, em burricadas, em carruagens, em *charrettes*, em *char à banc*.

A feira de Belem, quando passámos no regresso, ás 6 horas da tarde, estava apinhada de gente, não havia onde cahir um alfinete, e ficámos a scismar onde caberia ainda, como se havia lá de accommodar, toda a gente que enchia os centenas de carros americanos, carros do Jacintho, carros do Santos, etc., que encontramos pelo caminho até Lisboa e que iam para Belem a abarrotar de passageiros, e em alguns carros quasi que empilhados uns em cima dos outros, como sardinhas de Nantes nas suas tradicionais latilhas. E ao mesmo tempo que este movimento enorme se dava para as bandas de Belem, Algés e Cruz Quebrada, a tourada no Campo Pequeno tinha uma enchente á cunha; os comboyos para Cascaes e para Cintra andaram todo o dia cheios de gente; para a outra banda os vapores iam carregados de passageiros como em dia de cyrios, e á noite, na rua de S. Roque e no largo de Cambes não se podia atravessar com a multidão enorme, que ali se acotovelava para ouvir as musicas que tocavam nos coretos e ver as luminarias, com que uma commissão de festeiros solemnizava a reabertura do templo de S. Roque; a Avenida estava cheia de povo desde cá de baixo, da praça dos Restauradores, até lá acima, quasi ao pé de Valle de Peireiro, onde uma banda marcial tocou toda a noite no coreto que finalmente se inaugurou ha cinco noites, e ainda além d'essas festas todas sobejou gente para encher os theatros, a Trindade onde se continua a dar a Revista do Anno, o theatro de D. Amelia, que no sabbado com grande exito e ruidosa ovação ao seu director e gerente, o illustre actor Silveira, inaugurou os espectaculos portuguezes, com uma opera comica, poema e musica originaes portuguezes e com uma companhia excellento onde figuram artistas dos mais distinctos e festejados dos nossos theatros: como José Ricardo, o famoso actor comico, que pela primeira vez creou um papel novo em Lisboa—o papel de tabellião Theopisto Barata, no *Testamento da Velha*, papel em que teve um exito enorme e em que encontrou o successo colossal e merecidissimo que tem no Porto e que faz d'elle um dos nossos mais gloriosos actores comicos, Joaquim Costa, o illustre actor comico do theatro de D. Maria, Barbara, a esplendida característica do Gymnasio, Augusta Cordeiro, a formosa e gentilissima actriz que é das mais brilhantes vocações e dos mais distinctos talentos artisticos que n'estes ultimos

annos tem apparecido em palcos portuguezes, Joaquim Ferreira, que no papel de Sete Cabeças, do *Testamento da Velha* tem uma criação comica de primeira ordem, Aurelia Santos, uma das mais bonitas vozes que ha no theatro portuguez, Jesuina Saraiva, Alfredo Santos, Corrêa, Lima, Candida Palacio, Alves, Maria Pinto, Bayard, Conje, Bravo, Ferreira, etc.

E depois de tudo isto digam ainda que não ha gente em Lisboa e que não ha dinheiro!

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

*Aproveitando uma aberta* é o titulo do quadro do sr. Arthur May, que hoje reproduzimos em gravura, executada sobre uma excellente photographia do primoroso photographo sr. Camacho.

Figurou este quadro na exposição do *Gremio Artistico* e figurou com vantagem, muito principalmente pela originalidade do assumpto, n'este pequeno meio artistico, em que os quadros de genero principiaram a apparecer em maior numero na exposição d'este anno.

Revelando ainda uma certa inexperiencia do auctor, este quadro tem comtudo qualidades muito para apreciar, que não podem passar despercebidas aos olhos do entendedor.

A preocupação de dar ao quadro o tom de um céu chuvoso e ainda mais de querer mostrar o solo bem molhado, fez com que o auctor exaggerasse bastante a projecção dos edificios do ultimo plano, a espalharem-se no *beton* molhado da Avenida.

De resto a scena é verdadeira e qualquer a pôde observar, em dia de inverno, na Avenida da Liberdade:

- Na esteira de esquiua dama
- Que de pedrinha em pedrinha salta.

### OS PRINCIPES DE MONACO EM LISBOA

Lisboa acaba de receber a visita dos principes de Monaco, que chegaram ao Tejo no dia 1 do corrente, a bordo do seu *yacht* de recreio *Princess Alice*.

O principe de Monaco não é a primeira vez que visita Lisboa. Em 1875 esteve n'esta capital, sendo então principe herdeiro, foi pois em 1880, que succedeu a seu pae, na governação do seu pequeno estado situado 15 kilometros a E. de Nice, sobre duas montanhas, uma das quizes é banhada pelo Oceano. Tem uns 1:700 habitantes.

Alberto Honoré Charles, Duque de Valentinoi, principe de Monaco, nasceu a 13 de novembro de 1848. É um dos principes mais illustrados da Europa, todo dedicado ao estudo das sciencias naturaes, sendo aquella que mais o preocupa a flora e a fauna dos mares, no que tem alcançado conhecimentos importantes, nas suas repetidas viagens, em magnificos barcos de recreio a esse fim destinados, como adiante se verá.

O principe Alberto de Monaco é capitão de fragata honorario da armada hespanhola, e serviu em França nas fileiras do exercito francez, pelo que é muito affeiçãoado áquella nação.

Casou a primeira vez em 1869 com lady Mary Douglas Hamilton, casamento de que mais tarde se divorciou, contrahindo depois segundas nupcias com a duqueza Alice de Bichebien de que tem uma filha.

Tem um filho do primeiro matrimonio, o principe Luiz, herdeiro, actualmente ao serviço da França, pois como seu pae, alistou-se no exercito francez.

O *Yacht Princess Alice* é um magnifico navio a cuja construcção, em Inglaterra, assistiu o principe de Monaco, dirigindo os trabalhos para que o barco tivesse todas as condições necessarias para os estudos que se propõe fazer.

Assim conseguiu um navio modello no genero, como não ha outro, o que melhor se pôde avaliar pela seguinte descripção que publicou o nosso collega *O Seculo*.

O *Princess Alice* é um magnifico barco de 600 toneladas, com tres mastros, medindo 52<sup>m</sup>,60 de

comprimento, por 51<sup>m</sup>,07 na linha de fluctuação. Tem 8<sup>m</sup>,20 de largura na coberta, um desenvolvido velame e o seu callado de agua medio é de 3<sup>m</sup>,75, podendo attingir 1:200 metros de velocidade, o que mesmo com pouco vento de feição, garante uma excelente marcha.

Tem na pópa uma helice de systema Bévis, collocado sobre o plano longitudinal do navio quando este anda á vela e posto transversalmente quando ha pouco vento, sendo então movido por uma machina de triplice expansão da força de 250 cavallos, que garante uma velocidade de nove nós por hora.

O transporte tem duas caldeiras, uma para a navegação e vapor e outra para o movimento dado pelos dynamos cabrestantes, machinas de sondar, etc., caldeira que posta em communicação com a helice, desenvolve a velocidade de 4 a 5 nós por hora. Isto garante a entrada do navio em qualquer porto, com vento a favor ou contrario.

O *Alice* é por fóra couraçado de cobre e por dentro construido de aço e madeira o que o torna solido e confortavel, attendendo ás mudanças de temperatura. Possui o barco importantes aparelhos de pesca e sondagem, que figuraram na ultima exposição de Paris, onde foram considerados como os mais aperfeçoados no genero.

O principe de Monaco é um dos primeiros naturalistas do mundo. As suas viagens destinam-se principalmente a continuar os seus estudos sobre a direcção das correntes do golpho no Atlantico e fazer estudos zoologicos sobre a fauna maritima do Oceano.

Trabalhou a principio no *Hirondel yacht*, que não correspondia ao fim scientifico a que se propunha, sendo o *Princess Alice*, destinado a substituil-o, mandado construir nos estaleiros inglezes da casa Green, sob os modelos fornecidos por sua alteza.

Tem quatro laboratorios, dois destinados a estudos zoologicos, comprehendendo uma vasta camara fria onde se conservam as peças anatomicas e os animaes vivos, communicando com elles por um pequeno ascensor, collocado a meia nau. Um chama-se o laboratorio central, situado na ponte, e o outro o de *roof*, situado na rectaguarda dos demais.

No primeiro estão installados os reservatorios de alcool, onde o principe emprega um cuidado extraordinario, sendo, como se sabe, difficil a conservação do alcool nos navios d'este genero. É rodeado de armarios com gavetas, onde ha uma magnifica bibliotheca e uma bem elaborada classificação.

No segundo, bastante arejado e illuminado, procede-se ao minucioso exame dos animaes pescados, havendo uma interessante serie de aparelhos para o exame dos infinitamente pequenos e um *agurium*.

Dos outros dois laboratorios, o primeiro fica na pópa do transporte e destina-se a estudos photographicos e oceanographicos, onde ha um systema de obturadores metalicos, que produzem de subito a obscuridade, havendo em todos os laboratorios agua distillada e do mar, excellento ventilação e illuminação electrica, como a de todo o *yacht*, que possui os mais modernos aparelhos scientificos.

Além das vantagens do *Princess Alice* o barco do principe de Monaco, sob o ponto de vista de construcção e marcha, o soberbo transporte de recreio do sabio reinante tem a seu bordo aparelhos scientificos de grande importancia.

Além de diversos aparelhos destinados á pesca de todos os animaes das diversas zonas oceanicas, o *Alice* possui nataveis machinas de sondagem construidas sob o plano modificado de Thibaudier e um dynamometro para medir em kilogrammas a tensão dos diversos cabos do *yacht*. É o principe quem governa o navio e preside á applicação de todas as machinas.

Dos aparelhos de pesca, ha a notar um guindaste de roldana dupla movido a vapor, que serve para levantar do mar, onde vão recolher os peixes a grande profundidade as redes, dragas, *chaluts*, pas curvas e outros instrumentos. O guindaste sustenta um peso de seis toneladas, tendo o seu cabo, no levantamento, a velocidade de um metro por segundo.

Este enrola n'uma bobine de quatro tambores, ao ser retirado da agua, correndo junto de um guia automatico, combinação de duas helices feita por processos modernos.

Os instrumentos destinados á pesca são guardados pelo fundo e nas paredes interiores por umas vassouras de cordas distilladas, a que chamam *fauberis*, o que faz com que os peixes e crustaceos que entram nas *chaluts*, quando ellas são arrastadas pelo fundo do oceano, sejam apertados pelos fios, passando por entre elles para dentro

dos aparelhos, que estão presos ao cabo por correntes.

Das *chaluts*, ha uma que se chama *chalut de surface*, destinada, como o seu nome indica, a recolher os animaes da superficie das aguas, que n'estes ultimos tempos pouco tem sido estudados, em virtude da falta de aparelhos para os pescar. Tem a *chalut* duas azas unidas lateralmente ao corpo central da rede e, na extremidade de cada uma como que um prato de madeira ligado ao cabo que segura o aparelho. Os pratos tendem a afastar-se e a abrir a rede pela tracção do cabo, havendo no fundo d'esta um sacco que recolhe os peixes quando são arragados na passagem do aparelho, ficando ali presos.

O *filet pélagique à rideau* é um aparelho dos mais notaveis do barco, destinado a explorar as zonas ietermedias. Consta de um caixilho de bronze, com uma abertura quadrada de 0<sup>m</sup>.40 de lado, tendo na face posterior, uma rede de pesca em malha de rede, e na outra, uma cortina movel que fecha ou abre o caixilho. Quando fechado, prende-se o *filet* a um cabo, em cuja extremidade se colloca um peso que varia com a profundidade a que se deita o aparelho deixando-se escorregar pelo cabo até cahir junto do peso. Com o choque, abre-se o aparelho, na parte inferior o qual ha ainda um pequeno cylindro de freio automatico, para amortecer o choque. Ao levantar a rede, corre ao longo do cabo um anel muito largo, que fecha o caixilho, encaixando-se na parte superior do aparelho, puxado se então o cabo e recolhendo-se a pesca.

Ha ainda a bordo mais aparelhos, um dos quaes é electrico, para attrahir alguns animaes do fundo do mar. A pilha tem cinco elementos Bunsen, sendo a lampada de 12 voltas, de Edison. A pilha é protegida por um balão compensador de pressões.

Os aparelhos destinados a attrahir borboletas nocturnas e varios insectos e a recolher pedaços de rocha do fundo do mar são tambem muito notaveis.

O navio conserva-se n'um estado de asseio e cuidado, digno de uma demorada visita.

Sua Magestade El Rei D. Carlos, acompanhado de Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso e os srs. marquez de Alvaro, Roberto Ivens e capitão Guerreiro visitaram, no dia 4, o principe de Monaco, a bordo do *Princess Alyce*, indo no yacht de recreio *D. Amelia*.

A visita foi de 2 horas, em que os visitantes percorreram e viram minuciosamente todas as dependencias do magnifico barco, um modelo de sciencia.

Esta visita foi logo paga pelo principe de Monaco, no palacio das Necessidades, e dias depois foi a Cintra visitar Suas Magestades, visitando tambem Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso.

Por esta occasião o principe de Monaco convidou sua Alteza o infante D. Affonso a acampar na viagem que ia fazer até ao Algarve seguindo d'ali para Inglaterra onde vae assistir a uma grande regata.

Este convite foi accete pelo sr. Infante D. Affonso, que seguiu viagem a bordo do *Princess Alyce*, no dia 10 do corrente, levando o yacht a bandeira portugueza içada no tope do mastro real.

## MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do n.º 562)

VII

A este depoimento seguiu-se o do guarda Francisco de Rezende, companheiro de José Pires, e o do familiar Luis Franco, companheiro de Francisco Rodrigues, o primeiro dos quaes testemunhou do que vira de manhã e o segundo de tarde simultaneamente ao que ficado.

Continuando os vigias na sua tarefa, sempre dois de manhã e dois de tarde, aquelles das seis ao meio dia e estes do meio dia até depois de noite, descobriram que na quinta feira seguinte, 25, Villa-Real fez outro jejum judaico e mais dois nas duas proximas quintas feiras, 2 e 9 de Dezembro. A respeito de todos houve os depoimentos dos vigias, procedendo-se depois á sua ratificação e ao termo de reconhecimento e confrontação d'elles com o preso, no qual asseveraram ser o proprio que tinham visto. Para o reconhecimento foram chamados a casa do Secreto e o réo á Mesa, e d'ali o observaram escondidos pelo panno de raz da porta que communicava as duas casas.

Não findaremos este capitulo sem acrescentar algumas palavras de consideração. Vimos que as testemunhas do primeiro jejum foram dois guardas e dois familiares, isto é, sujeitos empregados no serviço do Santo Officio; pois no mesmo caso se encontram as do-

ze dos três jejuns restantes, que se reduzem a sete porque cinco entraram de vigia duas vezes, as quaes vem no processo com aquellas qualificações, e uma com a de meirinho e outra com a de solicitador do tribunal, do proprio tribunal em que o réo se julgava. E com taes testemunhas se dava como provado o crime! A immediata subordinação em que muitas d'essas pessoas estavam para com a Inquisição, os baixos e pouco importantes e pouco remunerados misteres que algumas d'ellas exerciam, a ignorancia de muitas, no que devemos incluir a maior parte dos familiares, que eram numerosissimos e tirados portanto de todas as classes, até do commercio a retalho e dos homens de officio, a dependencia d'estes, porque familiares se faziam para melhor escaparem ás perseguições, tornando-se perseguidores, não falando nos maos instinctos, no fanatismo, na negligencia e nos odios ou paixões particulares de cada uma, tudo isto desvirtuava os depoimentos em questão e despia-os de toda a seriedade e de toda a auctoridade requeridas pela razão e pelo direito. De mais, quantas coisas assegurariam os vigilantes sem que as vissem distinctamente, convertendo em certeza o que imaginavam ou conjecturavam, ou por defeito natural da vista ou por cansaço de applicar a tão longo tempo ou por pouca luz ou por outras circumstancias! Quantas irregularidades e fraudes nasceriam de estarem os vigias um á vista do outro, quando o não deviam estar e deviam ser inquiridos logo depois de se renderem e antes de se communicarem! Quantas vezes só um vigiaria! Quantas se combinariam em prejuizo do réo, depondo identicamente do que presenciaram ou não presenciaram! Quantos actos, ás vezes casuaes, transformados em suspellas de crime, como por exemplo, o parar o réo ao pé da porta, d'onde a primeira testemunha do primeiro jejum concluiu que estava escutando; quantos que não se viam, nem se podiam ver e que se affirmavam, como, por exemplo, affirmou a segunda testemunha do mesmo jejum que não viu rezar Villa-Real, estando elle deitado na cama e depois das ave-marias, á luz frouxa da candelaria que imperfeitamente alumiaava o carcere! Nem paravam aqui os olhos perspicazes dos vigilantes; tentavam até penetrar no animo dos vigiados, deprehendendo ou suppondo deprehender ás vezes do mo-lo por que estes diziam as suas orações se o faziam ou não devotamente!

VIII

Estavam pois, do modo que expendemos, provados quatro jejuns judaicos a Villa-Real, circumstancia gravissima e que havia de decidir fatalmente da sua sorte.

Accusado, encarcerado, separado do mundo por aquellas duras e tenebrosas paredes, ignorante de quem o accusava, do motivo e de até onde poderiam chegar as accusações, temendo-as de todos e de toda a parte, porque accusadores, culpas, testemunhas, e portanto as suas consequencias, tudo era mysterio no tribunal da Inquisição para os presos, Villa-Real escreveu uma memoria da sua vida e obras litterarias, dos livros prohibidos que trouxera de França e dos seus inimigos ou dos que poderiam sel-o. Esta memoria foi acabada a 15 de Janeiro de cincoenta e presente á Mesa a 24, e n'ella fundava o seu auctor grande esperanza, pelos serviços prestados á patria, serviços que particularisa, posto não deixe de reconhecer, e em mais de um ponto, que pouco ou nenhum valor tinham no tribunal da Fé. Nem era menor a que provinha das suspeições contra varias pessoas que julgava mais no caso de o accusarem pois com ellas imaginava, na sua van credulidade, pol-as fóra do combate ou ao menos attenuar de algum modo as culpas que lhe imputassem.

«Declaro, escreve elle n'essa memoria interessantissima, desculpando-se e tratando do ultimo ponto, de claro que o officio de consul, de que Sua Magestade me fez mercê foi causa de que tenho muitos inimigos em Ruão e Nantes, como sabe o marquez de Niza. E peço queira vêr-se a carta que elle escreveu a S. M. em Abril de 1646 sobre este particular, a qual entendo está entre os meus papeis, ou elle dará a copia e dirá juntamente o que passou em Nantes com os portuguezes que ali estão; pois uns e outros dizem que são naturalizados francezes e que não reconhecem a El-Rei nosso senhor por seu rei. Por esta causa e outras palavras descompostas de que usavam disse eu em Ruão a Francisco Rodrigues Lobo e a outros que os havia de deitar por uma janella, se falassem diante de mim com aquelles termos e ruins modos. O mesmo disse a Diogo de Pereda, que se fez cabeça de bando contra mim para impedir o dito cargo. O marquez diz d'elle á S. M. que o principal era um gallego, como elle é, e o maior inimigo que Portugal tinha n'aquella cidade.

«E, como o cargo de consul seja ser protector do commercio e das pessoas que o exercitam, para saber o que fazem e se ha coisa em que o serviço de S. M. ou sua real fazenda seja interessada, era força que eu falasse com todos e procurasse saber o que faziam; e, como não ha outros portuguezes mais que os que exercitam o commercio, em França, d'elles havia eu de procurar saber o que faziam, e a elles havia de assistir, pois eram os que me haviam de dar as utilidades de meu cargo.

«O mesmo marquez me ordenou por muitas vezes falasse com alguns que vinham de Castella para saber as novas que havia e o que faziam os fidalgos portuguezes que lá estavam retirados, servindo eu como de uma espia de todos, para o serviço de S. M. pois não houve coisa de que não desse conta ao embaixador.

«E n'esta parte tenho que representar a V. S.<sup>aa</sup> sejam servidos reparar em que sou e fui o primeiro homem a quem S. M. deu officio fóra da patria, a quem

servi com alguma utilidade, e que fui o primeiro consul que Portugal teve e que alcançou estimação, para a vir perder n'ella, quando esperava honras e premios.

«O principio e origem de toda minha ruina procede desde o anno de 1642, em que o conde da Vidigueira teve sua primeira audicencia em S. Germão aonde o acompanhei. Porque, sendo costume dar El-rei de jantar aos embaixadores n'aquella occasião, estando para nos sentarmos á mesa, me disse Antonio Curado, criado do conde, que eu iria jantar com elle a uma estalagem; a que lhe respondi, que eu havia jantado com os primeiros embaixadores, e que assim o havia de fazer com o conde, por ser coisa ordinaria e em que elle adquiria antes credito, que perdia reputação. Ao mesmo tempo veiu um mordomo d'el-rei e amigo meu dizer-me que, se eu não tivera a mesa do embaixador, lhe havia de fazer mercê ir jantar com elle. Tudo passou em presenca do mesmo conde.

«E porque não pareça que isto era desvanecimento meu ou pouco respeito, é de advertir que em França costumam os senhores pôr a sua mesa pessoas de muito inferior qualidade, e mais se são homens de partes; para os entreterem e darem novas do que se passa, emquanto comem. O padre Macedo estava lembrado, que, indo nós a S. Germão ver tocar os enfermos a el-rei christianissimo, me levou seu estribeiro-mór e grande privado, e me disse chamasse meus camaradas para jantar com elle; o que fizemos em companhia de um dos capitães da guarda e outros fidalgos. E tanto é isto coisa ordinaria n'elles, que extranham o costume hespanhol e o reprovam de comerem só os com seus eguaes.

«D'este jantar infausto procedeu que todos os criados do conde se declararam meus inimigos, fazendo liga entre elles para me arruinarem. A primeira injuria que se dá a um christão novo é chamar-lhe judeu, e como esta em mim tinha pouco fundamento, disseram que eu era um traidor e que tinha intelligencias com Castella, com outras coisas que por serem falsas fizeram pouca impressão no animo do conde ou as dissipou pela grande necessidade que tinha de minha assistencia e noticias.

«D'esta conspiração sabe Antonio Moniz de Carvalho, pois tambem o quizeram descompor com o conde.

«Respondendo eu no principio do anno de 1643 ao livro de Caramuel, tratei a resposta com mais apereza do que eu mesmo conhecia era necessario, para mostrar que nem era traidor nem queria coisa alguma de Castella. Assim o disse eu ao padre frei Fernando de la Hone, da ordem de S. Domingos, bispo eleito de Tanger, que n'aquelle tempo estava em Paris, fazendo-lhe queixa do procedimento que comigo se tinha; elle deve estar em breve n'esta cidade e dirá isto mesmo.

«Resultou d'esta conjuração não falar eu com os criados do conde em muitos dias, até que elles se foram desenganando e se fizeram amigos na apparencia. O mesmo conde me dizia se me não desse d'elles, e que, quando fosse falar-lhe, que era quasi todos os dias, abrisse a porta do seu aposento, porque elle o conhecia muito bem.

«E, posto que no apparente o conde dava mostras de não sentir o haver-me eu posto á sua mesa, sabe Antonio Moniz quanto elle o sentiu; mas, concedendo depois era este o uso de França, me fez mercê dar a mesma honra infinitas vezes em diferentes jornadas que com elle fiz. Assim que esta causa serviria para seus criados, se algum jurou contra mim, porque nenhum d'elles ponde nunca soffrer a estimação que de mim faziam todos os senhores d'aquella côrte.

«Porém ultimamente o marquez de Niza se declarou e o tenho por meu inimigo capital, porque dizendo-me um dia na sua galeria que eu dissesse ao doutor Pedro Fernandes Monteiro que o camareiro-mór dizia d'elle que era christão-novo, lhe respondi que não era aquillo coisa que eu fosse dizer a um homem como Pedro Fernandes Monteiro, e mais não sabendo eu a quem o camareiro-mór o havia dito, para me justificar; e que, se S. Ex.<sup>ta</sup> queria, eu o diria a seu sobrinho, o doutor Martins Monteiro; mas que lhe havia de dizer juntamente o ouvia a elle marquez, o que elle não consentiu.

«Notorias são n'esta côrte as inimizades que ha entre o marquez de Niza e o camareiro-mór; e, porque eu visitava algumas vezes ao dito camareiro-mór, me disse que eu estava mui valido de seu inimigo; a que eu respondi que não podia deixar de acompanhar a um fidalgo que me fazia tanta mercê, e que me levava a seu quarto todas as vezes que me encontrava na sala de palacio; mas que estas visitas não eram contra elle.

«Encommendando-me o camareiro-mór lhe disse uma certidão dos logares que aquelle cargo tinha em França nas ceremonias publicas e particulares, lh'a passei do que constava do ceremonial d'aquelle reino. E dando eu d'isso conta ao marquez de Niza para que dissesse ao mordomo-mór fizesse o mesmo do seu cargo, me respondeu que para que dera tal certidão nem me metta n'isso. Eu lhe disse que não podia perder o respeito a um fidalgo como o camareiro-mór, e mais sendo certidão do que passava na verdade.

«Sobretudo o que mais sentiu o marquez de Niza foi haver eu dado parte dos meus livros ao mesmo camareiro-mór, sendo que elle m'os havia pedido por um escripto seu, e que eu lh'os havia prometido já de França. Porém n'esta parte tenho eu mais desgraça que culpa, porque, estando um dia como camareiro-mór vendo os seus livros, me disse lhe havia de vender os que eu trouxera, a que eu respondi o não podia fazer porque os tinha prometido ao marquez de Niza, e lhe mostrei o mesmo escripto. Elle enfadado me disse que, se lh'os não dava que não só não havia de ser meu amigo, mas havia de encontrar todas minhas pretensões. Vendo me eu n'este estado, fiz quei-

## OS PRINCIPES DE MONACO EM LISBOA



A PRINCEZA ALICE DE MONACO



O PRINCIPE ALBERTO DE MONACO

(Cópia de photographias)

xa a Francisco de Mello, na varanda do palacio, e ao licenciado João Baptista Caldeira, e que não sabia o que havia de fazer, porém congado na amizade do marquez de Niza e nas obrigações que me tinha, quiz contentar a ambos, e dei ao camareiro-mór cento e vinte livros, para dar os demais ao marquez; mas elle se queixou grandemente e me disse li'os dêsse todos, que elle não queria nenhum.

«Accrescentou seu odio haver eu dado ao dito camareiro-mór um livro politico de Marselaer que chamam *Legatus*, porque n'elle está um capitulo que condemna em parte aos embaixadores excederem as ordens de seu rei sem lhe darem primeiro conta das cau-

sas que a isso os movem, e aguardarem a resposta. †

«De sorte que todas estas causas moveram ao marquez de Niza a meditar minha ruina; e porque lhe seria notado fazel-o por sua pessoa directamente, havendo-me trazido de França e dito de mim tantos louvores por escripto e palavra, se valeu do padre Macedo, meu publico inimigo, para perverterem minhas acções, ainda as mais innocentes. E em meu abono não quero eu mais que as ultimas palavras de uma certidão sua que está em poder de Gaspar de Faria Severim,

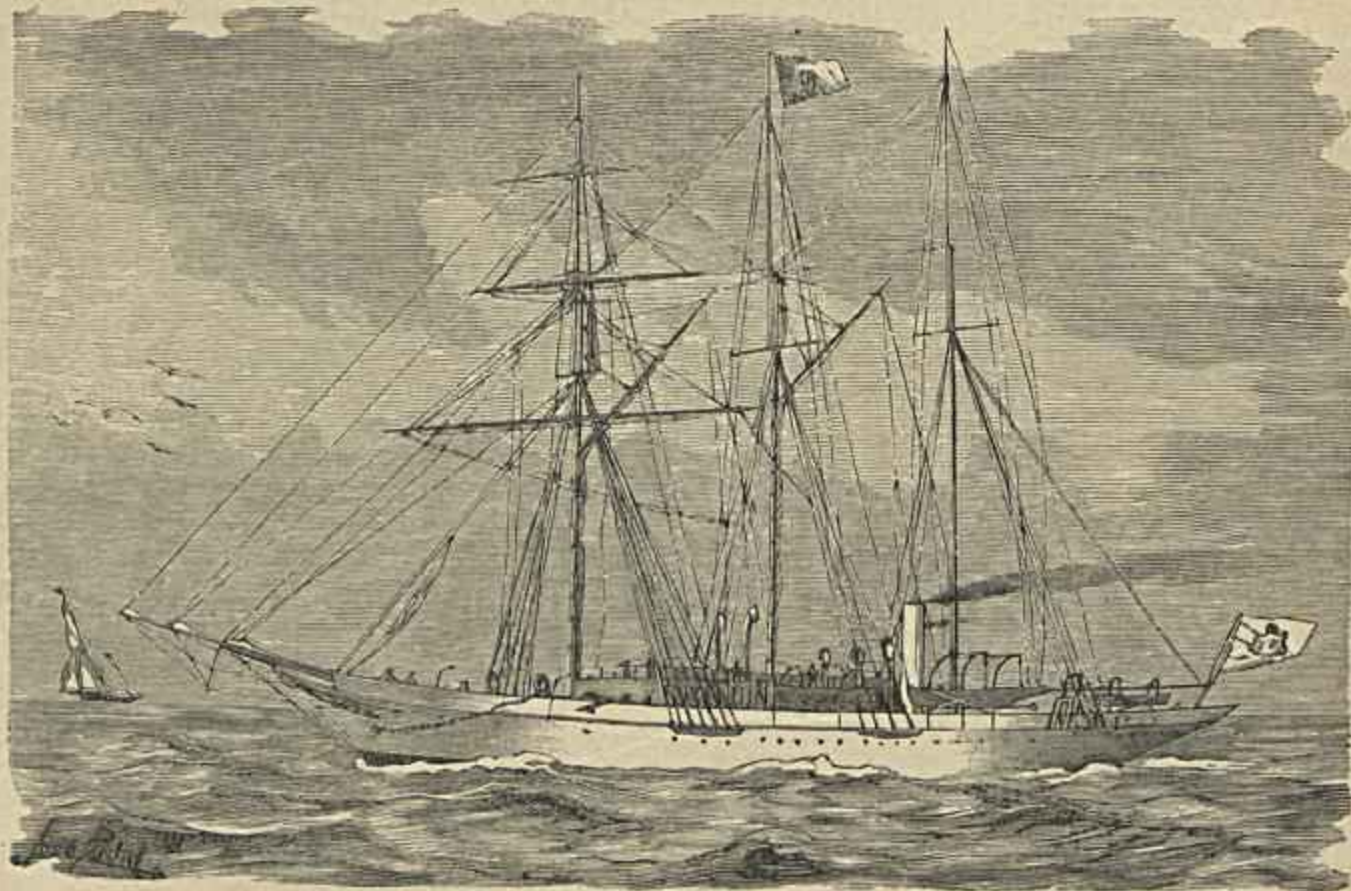
† O marquez retirara-se de França sem licença.

em que o marquez de Niza diz: E finalmente em seis annos que estive em França não conheci n'elle coisa alguma contra o serviço de Vossa Magestade, antes muito fervor, zelo e verdade etc. (E' a que trasladámos.)

«A que accrescento que nos fidalgos de Portugal, o ultimo escandaio, ainda que muito leve, os faz esquecer das maiores obrigações; e que sejam grandes as que o marquez me tem elle o sabe, e eu o sinto; mas não é coisa nova pagarem-se grandes serviços com grandes ingratições.

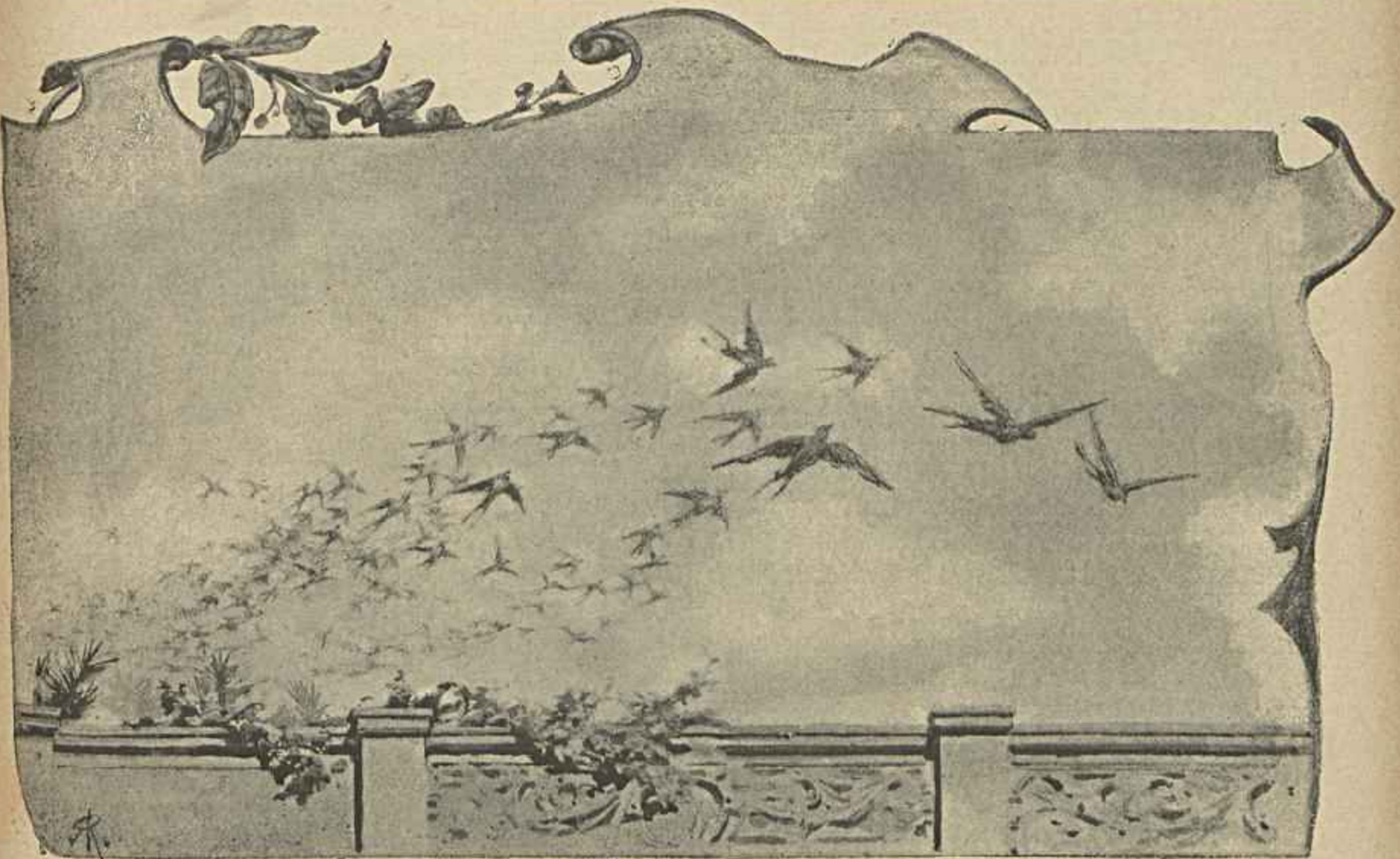
(Continúa).

RAMOS COELHO.



O YACHT «PRINCESS ALICE» LEVANDO A SEU BORDO S. A. O SR. INFANTE D. AFFONSO

(Desenho do sr. José Pardal)



FRAGMENTO DO TECTO DA «GALERIA MONACO» POR ANTONIO RAMALHO



Não se assuste o leitor que o a d'este titulo não indica movimento.

Não pense, nem tema que o convidemos para uma viagem a Monaco, a esse pequeno paiz, onde livremente impera a roleta a que centenaes de jogadores se entregam desenfreadamente.

Se este a que, segundo os grammaticos no titulo acima é artigo definido feminino, quizesse tambem indicar movimento, decerto que era convidar-vos a visitar, não o principado de Monaco, mas sim, a elegantissima tabacaria Monaco que acaba de se abrir profundamente remodelada, graças á iniciativa do seu infatigavel proprietario o sr. Julio Cesar Vieira da Cruz.

Assim deveremos dizer contrahindo a preposição com o artigo: — A' Monaco.

E repetimos: á Monaco, pois. E se o leitor quiser seguir esta indicação não dará, decerto, por perdido o tempo que gastou.

De qualquer ponto do globo em que se encontre Africa, America, Perna de Pau ou Cacilhas, se deve immediatamente dirigir a esta cidade de Lisboa e procurar n'ella a praça de D. Pedro.

Uma vez ahí, terá a dita de verificar com a mais absoluta confiança, como o incredulo apos-

tolo S. Thomé, o celeberrimo milagre de que a mythologia nos falli: — A Phenix renascendo das cinzas.

E renasceu assim a Tabacaria Monaco que hoje deslumbra o indigena.

Nascida n'um corredor, emalhetada entre as enormes lojas d'aquella praça, a antiga Monaco era como um caixote immenso onde em mil escaninhos se mostravam á venda, diversas especies e marcas de tabacos, em doce camaradagem com os jornaes noticiosos e politicos do dia e da noite. E no meio d'aquella avalanche de caixas de papelão, via-se alli encafuado, um velho com oculos, era o velho Cruz, o fundador d'aquella casa.

Isto passou, porém agora apparece: Uma extensa galeria, formosamente decorada, e artisticamente mobilada. O tecto representando o ceu elevou a altura e d'aquellas nuvens respira-se a fresquidão.

Umas andorinhas esvoaçam e as flores que cahem pelo acroterio parece que querem que lhe aspirem o perfume.

A mobilia toda de pau setim com vincados em escuro, conserva essa tonalidade de luz que reverbera nas formosissimas grades forjadas que bordam o lado fronteiro da armação agora tão fina e trabalhada como a do toucador de uma dama.

Nos membros, graciosissimos azulejos pintados por Raphael Bordalo Pinheiro accentuam ainda a nota de frescura e de novidade que a decoração d'aquelle estabelecimento evidencia.

A *Leitura do Seculo* e do *Diario de Noticias*, são dos mais bellos quadros em azulejo, que se pôde apreciar. A allusão e a graça do desenho constituem uma composição muito mimosa.

Emfim, a Monaco, apresenta-se como um florilegio da arte e da industria, e todos os trabalhos alli executados se casam tão bem que mais parecem trabalho magico de fadas do que artistas mortaes.

Fundada, pelo velho Cruz, pae do actual pro-

prietario, A Monaco, tomou este titulo em homenagem ao principe de Monaco que então aqui se encontrava de visita.

Singular coincidência! Volvidos 19 annos, fallecido o antigo proprietario, restaurou-se agora, reformou-se mesmo completamente, como vimos, A Monaco e reabriu na occasião da nova estada aqui, do principe de Monaco.

Para commemorar a reforma do seu estabelecimento publicou o sr. Julio Cesar Vieira da Cruz um numero unico *A Monaco* com o qual brindou os seus antigos freguezes e amigos.

Esta publicação assaz luxuosa para o nosso meio, é rica de arte e profusa litteratura. Collaborada por escriptores distinctos, illustrada pelo lapis encantador de Raphael Bordallo Pinheiro, é uma formosissima synthese de arte graphica material, espirital e espirituosa.

Percorre por todas as composições uns indefidos sopros de graça, ironia e espirito, ás vezes finissimos como na *Dolora* de Ramon Campoamor deliciosamente traduzida por Joaquim d'Araujo:

## DOLORA

Ao começar a noite mysteriosa

Em que a meu lado a vi

— Não te approximes — disse côr de rosa.

Tenho medo de ti.

Mas quando já brilhava, pleno, o dia

Então, então lhe ouvi:

(E a alvura dos seus braços me cingia)

Tenho medo sem ti...

Compensando o sabor cheio de encanto d'esta mimosa composição encontra-se, mais adiante esta ultima quintilha do nosso chorado poeta Fernando Caldeira e em que já uma vaga nostalgia pela morte se evidencia:

Quando eu vou n'essa incerteza do *flaneur*, sem fim, sem rumo, ao acaso e de surpresa me assalta a minha tristeza, entro na *Monaco* e fumo.

Ao laborioso commerciante, o sr. J. C. Vieira da Cruz agradecemos, a graça da offerta do exemplar, de tão formosa anthologia e fazemos os mais sinceros votos pela prosperidade do seu estabelecimento que bem a merece porquanto ao seu trabalho aturado e iniciativa allia um caracter afavel e digno das maiores venturas.

## ROMANILHO

Nesta lauda antiga, e que as saudades perfumam, se escreve do Romanilho; e certamente a bondosa leitora ficará pensando que é um ser imaginado. Não é. A leitora conheceu aquelle poeta, e o viu e ouviu; dançou talvez com elle, quando ambos estavam nos vinte annos; e por certo alguns dos seus versos guarda-os no album, que ora folheiam seus filhos sem o comprehender. Romanilho, quando o tratei, era de 25 annos; nem alto nem baixo, de grenha comprida, usando bigode, e de olhos grandes e expressivos. Vi-o algumas vezes nos bailes, de casaca azul com botões amarelos, de pantalonas estreitas e collete branco; calçado de polimento. E, elle só, enchia a casa, porque era galante, eloquente, imaginativo; declamava com graça, e até dizia na violão modas tristes, cheias de sentimento.

No tempo de Romanilho recitava-se ao piano, e cantava-se com o acompanhamento da viola franceza. Os homens que haviam taes prendas eram irresistíveis. Pelo que, este poeta era acodiado das damas; e conheço novellas e idyllios, de que elle foi o protagonista. Todos, porém, o adoravam; — homens e mulheres. Se nas salas o tinham por indispensavel, não menos o era nos grandes jantares da provincia, onde sabia mover os convivas e arrancar-lhes lagrimas, ao saudar a dona da casa. Fui comparte, algumas vezes, de taes comidas pantagruelicas, e causou-me admiração o maleavel talento d'aquelle homem sem igual, que, nos seus improvisos, exaltava e sabia pôr de accordo, legitimistas e liberaes, patuléas e republicanos, homens do altar e homens da espada, professores e agricultores. A voz bem timbrada, harmoniosa, a palavra fluente, a compostura romantica, seu desprendimento de vaidades e ambições, a peculiar gentileza, a todos punha na dependencia d'aquelle moço prestigioso. Nas conversações era interminavel. Dizermos que elle era um sabio, ninguem o poderia afirmar; se estudava, se lia ao menos, seria problema difficil de resolver. E' certo que elle tinha o verbo facil, expontaneo, e que o assumpto das conversações o tirava da conversa dos circumstantes. Então, era phantasista, paradoxal, contava historias, aventava theorias, aconselhava reformas. Os albums das senhoras d'aquelle tempo estão ajorcados de seus versos; os jornaes, de criticas litterarias e fohetins.

Estudante de Coimbra, tambem no romance dramatico e encantador da Maria da Fonte deixou uma pagina da sua vida. Pagina breve, azulada, onde a leitora vê Romanilho, trajando de alferes da Junta, e uma formosa rapariga, filha de solarengo illustre do Minho, deveras apaixonada pelos 18 annos do soldado-poeta. Idyllio de pouca dura, pois o clarim toca a ordem de marcha, e lá se foram os devaneios das noites de luar, os eccos que repetiam os versos, as cavalgadas de gente moca, as romarias e os descantes. Lá se foram! Em 1864, a ultima vez que d'elle tivemos noticia, o poeta estava no Porto, contemplativo deante de um quadro da Exposição universal; senão que, sente-se tomado por uns braços de mulher, e ouve uma voz, que dizia para um homem de grande barba grisalha: — Olha quem elle é! — O Romanilho!

Era a formosa do Minho; que, revoltos vinte annos, se conservava fiel ás primeiras affeições!

E, com tudo isto, certo dia o brilhante improvisador desappareceu.

Os que o tinham encontrado no Bussaco, em Cintra, em S. Carlos, no theatro de S. João do Porto; os que guardavam vivas lembranças da sua individualidade, do fulgor da sua palavra, dos estros do seu coração, de seus versos inspirados, e da original elegancia do seu vestuario; os que, não raro, se recordavam de que elle fora um dos encantos da sua vida, e que deixára parte da existencia na existencia dos outros, e a flor dos seus affectos, como uma boa acção, no dia festivo dos anniversarios, ou da festa de familia, em que volta o caro ausente; os que o tinham conhecido no viver do sentimento, quer nos lutos, quer nas alegrias, em que elle fora companheiro fiel e bem vindo; todos os que lhe filaram ou o amaram de perto, e até a galeria desapaixonada dos indifferentes, que apenas o tinham enxergado nas occa-

siões solemnes de regosijo nacional, ou no acontecimento publico que elle sabia traduzir e enaltecer; — todos, amigos, conhecidos e admiradores, se espantaram de um tal desapparecimento. E sou lembrado, de que, por muito tempo, ainda se falava d'elle. Afinal, como tudo esquece n'esta vida, já ninguem recorda Romanilho, que não seja eu, que nas horas de lazer escrevo memorias.

O peor foi que aquelle moço não deixou discipulos nem imitadores. A leitora, se hoje dançar n'um baile, se se assentar a um banquete festivo, se se encontrar n'uma collina entardecida pelo sol no occaso, ou em qualquer das pittorescas ribas do Portugal maritimo, ou n'um salão animado por uma piedosa festa de caridade, ou n'um templo catholico, engrandecido por um festival solemne, — quanto daria por encontrar ahí, na figura de um poeta, de um orador, de um confidente, ou de um sacerdote, um Romanilho; um homem, que n'esse momento soubesse traduzir a delicadeza intima da sua comprehensão, as vagas aspirações da sua poesia, a dos seus secretos anseios? Quanto daria, por ouvir dizer a alguem, que não é commendador ou prebendado, que a mulher tem em si maior valia que a moldura formosa que a veste, que os filhos nasceram para o amor dos seus e da patria, que a religião tem consolos para as almas opprimidas, e que os corações doentes sentem a intima necessidade de acreditar n'alguem coisa de Deus e do Céu?

Eis porque a desappareição do Romanilho foi uma perda irreparavel, que emmudecera a voz da poesia, da phantasia e da illusão!

Conde de Valenças.

## SILVEIRA DA MOTA

(Continuado do n.º 563)

### I

De 1864 a 1878 Silveira da Mota desempenhou successivamente os cargos de sub-director da direcção geral dos negocios ecclesiasticos, da direcção central, e por ultimo da direcção da justiça, na qual exerceu durante annos o logar de director geral, superintendendo e levando a cabo por essa occasião trabalhos muito importantes, entre os quaes bastará mencionar a circumscripção judiciaria executada em 1875 e 1876.

Da maneira por que Silveira da Mota se houve então no cumprimento dos seus espinhosos deveres recebeu honroso testemunho do governo, que em diploma publico teve em alto apreço os seus serviços.

O anno de 1878 deu-lhe ensejo para emprender novos e levantados committimentos. Com effeito, o decreto de 19 de setembro d'aquelle anno, que remodelou a organização da secretaria da justiça, e ampliou os serviços inherentes aquelle ministerio, em que houve sempre grande variedade de negocios, creou a direcção geral denominada *do registo civil e estatistica*, e Silveira da Mota foi logo nomeado para seu director.

As ponderosas razões que determinaram a criação da nova direcção, lucidamente expostas no relatorio que precede o citado decreto, justificaram plenamente a acertada deliberação do governo.

Quanto á necessidade de estabelecer em definitiva o registo civil, não ha duvida que as instituições devem cautelosamente prover á maneira de provar e regular de modo authentico os actos principaes da existencia dos cidadãos, o nascimento, o casamento, a morte, o reconhecimento e a legitimação. Comtudo, por motivos superiores á vontade do illustrado ministro que então geria a pasta da justiça, o sr. Barjona de Freitas, que pouco depois obteve a sua exoneração, não se estatuiu para todos os cidadãos o registo civil obrigatorio. Regulou se apenas para os não catholicos, por decreto de 28 novembro de 1878.

Data do anno seguinte a composição de tres volumes, qual d'elles mais importante, que vieram a publico nos annos de 1880, 1881 e 1882, intitulados: *Estatistica da administração da justiça criminal nos tribunales de primeira instancia do reino de Portugal e ilhas adjacentes*; estatistica respectiva aos de 1878, 1879 e 1880.

O elevado intuito d'esta obra resalta com tal nitidez e clareza da exposição que antecedeu os diversos mappas do primeiro volume que não resisto ao prazer de transcrever aqui alguns dos seus periodos iniciais:

«Julgo superfluo ponderar todas as vantagens que derivam d'este genero de investigações. Obviamente proficua pelos solidos preceitos em que se esteia, e pelos importantes resultados que já não

é possivel desconhecer, a estatistica, a despeito da aridez das formulas, não tem encontrado detractores que ousem de frente agredil-a ou amesquinhal-a. Acolhida por accordo unanime nos congressos internacionaes, acceita pelos governos absolutos, pelas monarchias representativas e pelas republicas, vai crescendo e prosperando com o progresso das sociedades, e raras serão os problemas de interesse publico que dispensem os copiosos e utilissimos esclarecimentos que diffunde e facilita. E, se isto é irrefragavelmente exacto no que respeita ás questões economicas e politicas, muito mais o é ainda no que se refere á administração da justiça, e em especial no que toca ás reformas que devam introduzir-se na legislação penal.»

O primeiro volume divide-se em nove capitulos, dos quaes tres é manifesto que requereram minuciosas indagações e improbo trabalho. São os que versam sobre a qualificação dos reus concernente ao sexo, idade, estado, filiação, naturalidade, instrução, profissão ou occupação; os crimes a que seria applicavel a pena de morte antes da lei de 1 de julho de 1867; e as reincidencias. O ponto que offerecia mais dilatado campo á curiosidade publica era de certo apurar se no espaço dos tres annos decorridos desde a promulgação d'aquelle lei fôra nociva ou proficua a abolição da pena de morte com relação á pratica dos crimes a que anteriormente correspondia essa mesma pena. Sem estatisticas criminaes dos annos anteriores a 1867, e, para assim dizer, quasi sem elementos nenhuns, dos que por si se offerecem a facil observação de todos, Silveira da Mota conseguiu, a poder de esforços perseverantes, estabelecer que em cada um d'aquelles annos o numero dos homicidios nunca foi inferior a 140, e por vezes excedeu a 220; emquanto que no anno de 1878, não obstante o accrescimento da população, foi de 139 o numero dos homicidios; e, se ainda existisse entre nós a pena de morte, seria ella applicavel a 21 crimes dos 10:472 que foram julgados no transcurso d'esse anno, o que não quer dizer, ainda assim, que seria imposta a todos, por causa da decidida propensão dos jurados para impedir essa punição extrema. E o esclarecido funcionario folgava de asseverar «que o grande pensamento de civilisação e de justiça, traduzido na reforma de legislação penal, não tinha de modo algum contribuido para o incremento dos crimes de summa gravidade.»

O segundo volume, mais desenvolvido que o primeiro, mantem a mesma asserção relativamente ao benefico influxo da supressão da pena ultima, e apresenta o mesmo resultado n'outros paises, que tambem a tinham expungido dos seus codigos, a Hollanda, a Finlândia, a Saxonia, a Rumania e os estados de Michigan, Wisconsin, Rhode Island e Maine da confederação americana.

Compre notar que os algarismos d'este volume, accusando um augmento bastante sensivel dos crimes de infanticidio, suscitaram no animo de Silveira da Mota uma reflexão talvez não menos pungente do que as que naturalmente desperta o facto monstruoso da mãe desnaturada que mata o filho á nascença, ou pouco depois. Refiro-me á restauração das rodas, que a esse tempo, em França, ia ganhando terreno, dia a dia.

Silveira da Mota, sem se pronunciar abertamente sobre as causas tenebrosas d'este factor da criminalidade, por falta de «um conjunto de factos e de circumstancias que possam incontrastavelmente revelar probabilidades ou symptomias», pedia comtudo a crer que «muitas apparencias convergem para nos persuadirem que á supressão das rodas se poderá em parte attribuir o incremento d'estes crimes.»

Este assumpto, quasi de todo olvidado, reviveu na imprensa periodica quando houve noticia do facto referido e provado no volume da estatistica de 1879.

Fosse qual fosse a opinião adoptada, ficava sempre de pé este dilemma terrivel: o infanticidio ou a roda. Mas, a roda o que é senão o constante incitamento á depravação, o escaodouro aberto pela caridade publica aos funestos resultados do vicio e da devassidão? E não seria acaso preferivel a morte ao desamparo da creança, que a mãe, por suas proprias mãos, vai entregar ao desleixo, quando não aos maus tratos, á alimentação deficiente, á imperfeita constituição physica e moral que resulta da privação dos carinhos e affectos da familia, e por ultimo tambem á morte, não raro causada pelas epidemias que a forçada accumulção de seres humanos produz muitas vezes n'essas lobregas mansões?...

Resulta d'este volume outra illação conristadora, que se deduz igualmente das notas estatisticas de 1878, e se repete de novo em 1880. E' a que respeita ao estado da instrução comparado com o da criminalidade.

Com effeito, em 1878 a quota dos reus que sabem ler é de 0,51 por 100 habitantes que sabem ler, ao passo que a dos reus analfabetos é de 0,33 por 100 habitantes analfabetos.

Em 1879 a quota dos reus que sabem ler é de 0,48 por 100 habitantes que sabem ler, e a dos reus analfabetos é de 0,31 por 100 habitantes analfabetos.

Em 1880 mantem-se quasi a mesma proporção, porque a quota dos reus que sabem ler é de 0,48 por 100 habitantes que sabem ler, e a dos reus analfabetos é de 0,30 por 100 habitantes analfabetos.

Emfim, o terceiro volume consta de treze capitulos e accusa notavel aperfeicoamento sobre os antecedentes. Por exemplo, as condições individuais dos reus, apenas mencionadas em um só capitulo no primeiro volume, são no aqui em quatro. Asseverando que, se ainda existisse em Portugal a pena de morte, ella seria applicavel em 1880 só a 13 crimes, Silveira da Mota não perdeu a occasião para notar que: «As ultimas estatísticas da administração da justiça criminal e as informações obtidas por inquerito diplomatico e apresentadas ao parlamento britannico por lord Granville mostram que nos estados da America do Norte, onde está abolida a pena de morte, os crimes de homicidio não tem augmentado, e que n'outros estados da republica, onde as execuções capitales são amiudadas, as condições de segurança publica teem peorado e o numero de homicidios tem crescido.»

A effusão do sangue parece ser, na verdade, uma voz sinistra que, em vez de impedir o crime, mais facilmente o propaga. Direis que ao seu apello accorre pressuroso o assassino armado, e nutrido de vingança e de odio. Ainda ha pouco em Lião, Caserio Santo, accusado no tribunal de haver matado Carnot e lançado na maior amargura sua esposa e filhos, respondeu, a meu ver, ingenuamente, que elle, Carnot, tambem havia mandado matar Vaillant e Henry, que deixaram da mesma sorte ao desamparo viúvas e filhos.

Dez annos são passados sobre a publicação d'esses livros preciosos, que, se para muitos dos nossos conterraneos, naturalmente propensos á indolencia, constituiram verdadeira surpresa, para os estrangeiros podemos affoutamente dizer que foram uma revelação do nosso adeantamento scientifico e intellectual.

Poderíamos citar trechos da *Independencia Belgica*, do *Messager de Paris*, da *Revista Scientifica*, da *Revista Britannica*, da *Chronica*, de Buenos Aires, do *Diario Official* e do *Jornal de Noticias*, do Rio de Janeiro, e da *Statistische Correspondenz*, de Berlim, e ainda de outras publicações universalmente estimadas, que todas renderam grandes e mercedos louvores ás locubrações de Silveira da Mota. Essas folhas, que, sem nenhuma especie de favor, se pode dizer que formam parte importante na opinão do mundo civilisado, dão a justa medida do alto apreço em que para logo foram tidos os volumes da *Estatistica Criminal*.

Alberto Telles.

## O SR. MANOEL DO JALECO

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A Caetano Alberto

III

Estavam as coisas n'esta altura em casa da tia Domingas, quando, n'um domingo de manhã, lhes entrou pela porta dentro o seu compadre João André. Eram raras, e em dias certos do anno, as visitas do sr. Andrésinho—cognome que não lhe assentava, porque o recémchegado era de agigantada estatura; porém, como de pequenino assim lhe chamaram, ficou-lhe o diminutivo, a que elle achava graça, porque, dizia, não gostava de ser tão alto, não pertencendo á familia dos Pinheiros.

Mais velho do que o Manoel Jaleco, padrinho do casamento e amigo da sua familia, o dr. João André era o homem de maior porte e valimento que transpunha os humbraes da casa do nosso lavrador. Era rico, e fôra elle quem dera a mão ao afilhado, lhe arranjara o casamento com a Domingas, e até lhe emprestara algum do dinheiro, com que elle comprou a quinta aos herdeiros do fallecido juiz de direito. Era portanto um amigo de veras, e para os Jalecos—grandes e pequenos—não havia pessoa mais grada no mundo, nem que mais estima e consideração lhes merecesse.

Quando se apeiou da sua possante egua russa cardã, João André viu-se logo rodeado de toda a familia.

—Cá estou, compadre—disse elle abraçando e beijando os pequenos, que queriam trepar pelo padrinho, disputando-lhe já o chicote, que elle ainda tinha na mão.

—Desculpe os pequenos, mas estes rapazes envergonham a gente. Fernandinho, oihe que suja o sr. padrinho. Com essas mãos n'esse estado... Largue já o chicote.

—Então vim a horas—estão almoçando.

—Sim, senhor. Como é domingo hoje foi mais tardinho, disse a tia Domingas.

—E o mais é que cheira bem. E' coelho guisado?

—E'. Topei-o hontem lá no fim da quinta; andava me no couval, e como comia e não pagava, pagou com a vida. Entram pelos boeiros do muro, e já me fazem seu estragoso.

—Mas como não sacem todos os que entram, e alguns ficam para o almoco, vamos lá, que não são dos piores hospedes—observou João André. E, pelo que vejo, não dão só calor ao estomago, tambem aquecem a cabeça—continuou elle—apontando com os olhos para um bonet de pelles, que Manoel pozera sobre a arca.

—Aquillo, compadre, é uma lembrança da Domingas: hade-me fazer o favor de o aceitar, e de o pôr já na cabeça, porque vejo que vem suado. O sol já vae alto, e o seu caminho para aqui é todo a descoberto.

—Pois sim, eu ponho-o na cabeça, porque isso te dá gosto, mas tu sabes que eu estou costumado ao tempo. Mas está me bem, está. Quem é que me tomou a medida?—diz lá, Maria Domingas—porque quem o fez já eu sei. Ainda são as mesmas mãosinhas de prata, como diziam minhas irmãs, quando tu lá estavas.

—Isso era favor das senhoras suas manas. E como estão ellas? perguntou Domingas.

—Vão vivendo. Estão boas. Mandam-te recados, e por cá não ha novidade?

—Ha as novidades da terra—e, antes que me esqueça, cá recebi o dinheiro do vinho. Não era pressa, e muito obrigado.

—Não t'o demorei, porque podias precisar para o amanho da vinha, ou para outra coisa. Tu ainda estás em principio de vida, Manoel.

—Mas, graças a Deus, outros irão peor. O que me fundiu menos do que nos outros annos foi a vinha, menos, mas mais maduro: eu deixei lhe cair o sol, e vindimei-a no tarde. Pagaram-m'o bem—pena foi ser pouco, mas isso não está na nossa mão, está na vontade de Deus.

—E' verdade, a mim tambem me succedeu o mesmo. E' mal geral, que a todos persegue. Vae vivendo a gallinha com a sua pevide. Este, que estamos bebendo, é do teu do anno passado?

—E', sim, senhor. Tive mais meia duzia de pipasitas, e guardei algum para nós. Tambem somos filhos de Deus.

—O meu compadre dá licença—disse a tia Domingas—pondo-se em pé. Meninos—Padre nosso...

Os pequerruchos com as suas vozitas foram acompanhando a mãe, que, no fim da reza, lhes deitou a bênção.

—Fazes bem em educar assim os teus filhos, para não veres aqui o que se vê ahí em muitas casas...

—E' como fui creada, e não me tenho dado mal com isso.

IV

—Agora vamos dar uma volta pela quinta, emquanto o sol não aperta mais; que depois o que ha mais para ver é a sombra disse o dono da casa, levantando-se.

—Vamos todos—disse João André—eu gosto de ver correr os pequenos. Quantos são elles já?

—Quatro, com a graça de Deus. O Fernando, o Antonio, a Isabel e a Mariquinhas.

—Vamos lá—Manoel—que já podes ficar por ahí.

O Jaleco encolheu os hombros, e respondeu:

—Oito eramos nós, os filhos de meu pai, e todos nos creamos. E' verdade que os tempos então eram outros.

Iam andando e conversando, até que chegaram junto da oliveira grande. D'ahi dominava-se toda a quinta, o terreno elevava-se um pouco: os de casa chamavam-lhe o Altinho.

—Sentemo-nos aqui um pouco. Toma lá um charuto, Manoel. A Maria dá licença.

—Dou, dou, mas o meu compadre está a metter-lhe o vicio no corpo, e elle, de vez em quando, já ahí me apparece de charuto na bocca, como um senhorito.

—Não te assustes, não te afoques em pouca agua. Quando elle te apparecer cá em casa a fumar de charuto, quem lh'os dit sou eu. E se não, repara, que é só nos dias que elle lá vae a casa.

—Mas o meu compadre bem sabe que de vagar se vae ao longe...

—Sim, e o que eu tambem sei é que esta quinta está se fazendo bem bonita. Quando cá vim da outra vez estava um tempo frio como o demo, e não a pude ver á vontade. Agora, sim. Faz muita differença para melhor do que era, quando para cá vieram. Tu, Manoel, estás um lavrador ás direitas! E' que está tudo no seu logar, cada cultura no sitio proprio! Onde aprendeste? Porque tu sempre foste geitoso, mas o saber é outra coisa. Quem te ensinou?

—Eu lhe digo, compadre. Aqui perto ha uma quinta, que ainda lá havemos de ir. Eu bem sei que o meu compadre tem visto tudo o que é bom, mas é para ver. Lá é que eu tenho observado alguma coisa, e d'ahi faço aqui como vejo que lá fazem.

—E que bonita vista a d'esse valle, que vae por ahí fóra! Não tinha reparado n'isto das outras vezes. E' talvez porque não estivemos parados aqui. A casa tambem faz muito melhor vista. Aquellas latadas são novas, não são, Manoel?

—São, sim senhor. E tambem é novo aquelle pomar, e as duas ruas de limoeiros, que pegam com elle. E o pomar velho está todo plantado de novo, assim como a vinha, que mais de metade d'ella é já de bacello americano. E ha ainda outra novidade, é que mandei concertar o lagar do azeite, que estava muito desprezado. Serve para mim, e como não ha por aqui outro melhor, todos mandam cá fazer o azeite, a ponto de já me terem faltado ceiras e tarefas, tantos são os molinhos d'azeitona que ahí acodem. E' um dos meus melhores remedios a maquia que cá me deixam.

Maria Domingas escutara toda esta conversação no mais completo silencio, comprazendo-se em ouvir os gabos á sua propriedade, mas, para o fim, principiou a dar mostras de querer interromper o dialogo, como quem tem medo de que lhe fuja a occasião de dizer alguma coisa importante. Aproveitando um momento de silencio dos dois, disse:

—Os senhores tem estado de paleio, e eu a ouvi-os com todo o gosto; basta falar quem fala; mas ha uma coisa sobre que eu quero ouvir o sr. meu compadre. Eu digo. Quando viemos para aqui o povo d'estes sitios estava costumado a respeitar a casa do sr. dr. Mendes, e ninguem se atrevia a pôr pé dentro d'esta quinta, sem entrar pelo portão; mas agora parece que nós não somos tão donos d'ella como elle, e já ha quem entre aqui pelo muro, derrubando-o sem cerimonia, como se entrasse em terra sua! Que lhe parece, sr. Andrésinho, isto é direito? Esta quinta é nossa, ou é do povo?

João André, que nunca lera Proudhon, nem que o lesse, lhe tomaria as doutrinas em materia de propriedade, respondeu, confirmando com as palavras e o gesto a opinão da sua interlocutora, voltando-se, ao mesmo tempo para Manoel Jaleco, como desejando ouvir o tambem sobre o caso.

—E' verdade o que ella diz, disse este. Eu é que dei pela maroçca, mas, apesar das minhas esperas, ainda não descobri o marau.

—E eu tambem não, accrescentou a tia Domingas.

—E' que talvez elle mudasse de sitio, replicou o Manoel sorrindo.

—Mas entre elle por onde entrar, o que é preciso primeiro é agarral-o, observou o doutor.

—O meu compadre diz bem; diz até muitissimo bem, replicou o Jaleco, mas se elle não se deixar agarrar? E eu posso prendel-o, não sendo auctoridade?

—Podes. Prendel-o como um ladrão, que entrou na tua quinta.

—E se elle resistir, e me der?

—N'esse caso, como tu estás em tua casa, e és o atacado, dás-lhe tambem. Estás no teu direito. Defendes-te. E eu cá estou tambem para o mais que fôr preciso. Mas, olha lá, não mates o homem.

—Ora isso é que é falar, apoiou a tia Domingas. Essa lingua entendo eu. Olha, Manoel, tu és bom de mais; ao teu tio José Jaleco é que elles não faziam esta arrelia. Já a estas horas tinham as costellas n'um feixe.

—Por isso tambem o mataram a tiro, disse o Manoel, muito sereno, e como se aquella citação do nome do tio o não estimulasse lá no intimo.

João André, entretanto, tirara da algibeira uma caixa, que passou ás mãos da afilhada.

—São já horas de retirada; ainda vou por casa do Antonio Ricardo, e tudo isso deita-me lá para a noite. Ahí te fica essa lembrança; quem t'a manda é a Suzana, que sempre foi muito tua amiga. E' para a Mariquinhas.

— Ora! As senhoras!... Eu não sei como hei-de agradecer tantas finezas... Olha, Manoel, que brincos tão bonitos!

— São muito garridos, são. Quando lá formos, domingo que vem, hade levar-os. Não os estreia antes. Mais para agradecer, meu compadre.

Quando já estava a cavallo João André, despedindo-se, disse para o afilhado, que lhe segurava o estribo:

— Olha, Manoel, enquanto ao homemzinho o dito dito, eu cá estou. Adeus, Maria. Adeus, rapazes.

E já na estrada, voltando-se ainda para trás, gritou-lhes:

— Levem os pequenos. Venham todos.

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.



## REVISTA POLITICA

Sob este sol tropical que nos abraza, só conseguí despertar o publico da indolencia em que jaz, alem da ruga ás batotas uns artigos de frei Thomaz de S. Roque, artigos da melhor doutrina politica, que mais uma vez honram o talento do seu auctor, ao mesmo tempo que provam quanta contradicção se pôde conter em o espirito humano.

Esses artigos são, o que n'estes ultimos dias mais tem impressionado o publico que os procura com avidéz, não sabemos se pelo amor da verdade que n'elles respira se pelo espanto que lhes causou a contradicção em que as doutrinas ali expendidas estão com a pratica do seu auctor.

Por felizes nos poderíamos dar se a politica aconselhada nos artigos a que nos estamos referindo, e tanto em harmonia com as ideas que mais de uma

forças e tem a auctoridade necessaria para formar um grupo, organizar um partido de homens sãos, que mudem o rumo á nau do estado, o que valle o mesmo que ir de encontro a todos os erros e abuzos, que cincoenta annos de paz e de corrupção, tornaram costumes e leis.

Se para a regeneração d'este paiz era preciso um governo de homens talentosos e audazes, não é menos preciso que esses homens tenham uma firmeza de caracter inquebrantavel, para reagirem contra todos os erros e abusos invetrados, para emfim fazerem pura administração e porem completamente de parte toda a politiquice interna, fechando a porta a todos os pretendentes, a todos os influentes, a essa praga daninha que não deixa governar nem administrar o paiz.

Ora se nos quatro annos decorridos de 1890 até hoje, em que a nação tem passado pelas mais



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

1.<sup>er</sup> Congrès Internationale de La Presse 1894, Anvers. Rapport de section Portugaise. Lisbonne Imprimerie Universelle. — Recebemos este folheto cuja materia se divide em duas partes a primeira é um pequeno esboço da arte graphica em Portugal, enumerando os antecedentes do seu progresso e estado actual. Fallando das publicações illustradas, dispensam-nos os relatores palavras d'elogio: et l'OCCIDENTE dont l'existence est déjà longue et dont la direction savant est confiée à un de nos graveurs les plus distingués.

Registrando mais este livro nas nossas publicações, agradecemos ao mesmo tempo, as lisonjeiras phrases que ao nosso director se dispensam e que acima transcrevemos.

Os Malditos, por D. João de Castro. Lisboa, livraria de Antonio Maria Pereira, 50, 52, Rua Augusta, 52, 54, 1893. Um volume de 503 paginas e 1 de erratas in-8.<sup>o</sup>. Este volume é dedicado pelo auctor á memoria de Camillo Castello Branco, com as seguintes palavras: «Consagra o auctor estas paginas, traçadas n'uma sadia época de dilettantismo»

Foi escripto em Villa do Conde em outubro de 1891 a março de 1892, mas só agora foi publicado, chegando-nos um d'estes dias á mão um exemplar muito amavelmente offercido pelo sr. D. João de Castro

Não querendo demorar a noticia do apparecimento d'este livro, apressamo nos em o annunciar aos nossos leitores, ainda mesmo antes de o lermos, o que vamos fazer para depois fallarmos da obra, agradecendo desde já ao auctor tão apreciavel offerta.



GLORIA... AO CRUZ NAS ALTURAS!...



À ENTRADA



A LEITURA DO «SECULO»



A LEITURA DO «DIARIO DE NOTICIAS»

AZOLEJOS DA «GALERIA MONACO» POR R. BORDALLO PINHEIRO

vez aqui temos sustentado n'esta modesta revista, fosse posta em pratica, e muito principalmente pelo seu auctor em que sobra o talento.

Mas se em Portugal não conhecemos outro talento politico, que se possa comparar com o de frei Thomaz, é certo que a grandeza d'esse talento, só é comparavel á firmeza que fallece no seu possuidor, annullando por isso a acção reformadora que podia exercer na sociedade portugueza.

Isto é uma grande infelicidade, é mesmo a maior que presegue o nosso paiz, onde se tem inutilizado tantos homens de talento na politica, mas é tão verdade como as verdades que frei Thomaz prega nos seus artigos.

É certo que os partidos monarchicos militantes estão desorganizados á falta de chefes e á falta de ideias que expliquem a razão da sua existencia.

Os que mais salientes se tem mostrado na arena politica, ou estão velhos e gastos, ou estão desprestigiados e sujos, ou provada a sua incapacidade administrativa.

N'estas circumstancias quem é que se acha com

amargas provações, ainda não foi possivel encontrar e organizar um governo assim, parecemos sufficiente prova para se reconhecer a impossibilidade de elle sahir d'este meio.

E se não, frei Thomaz que diga se isto é ou não é assim.

Elle que teve o governo na mão, elle que possui tão boas theorias, que conhece tão bem o caminho que convem seguir para a regeneração da patria, porque não fez nada de isso, e antes pelo contrario mais e mais lhe cayou a ruina.

É uma contradicção, pois não é? Parece, mas no nosso entender foi antes fraqueza, e se cada qual é como Deus o fez, não se é forte quando se quer, mas quando se pôde e se tem animo para o ser.

Pois é pena, porque homens do valor intellectual de frei Thomaz, não tem por cá parceiros condignos, na nossa humilde mas sincera opinião.

João Verdades.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE» Para 1895

Vae entrar no prelo este magnifico annuario para o qual se recebem annuncios até o fim d'este mez.

Recebem-se desde já encomendas na Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

### Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup>